

I

AS VOZES DO TEMPO

O tempo fala. Fala mais claramente do que as palavras. A mensagem que transmite surge viva e clara. Porque é manipulada menos conscientemente, está menos sujeita à distorção do que a linguagem falada. Pode clamar a verdade enquanto as palavras mentem.

Fui em tempos membro da comissão de relações humanas do presidente da câmara municipal de uma grande cidade. A minha missão consistia em avaliar quais as possibilidades de adoptar práticas não discriminatórias nos diferentes departamentos da cidade. O primeiro passo deste projecto consistia em entrevistar os chefes dos departamentos, dois dos quais eram, eles próprios, membros de grupos minoritários. A acreditar nas palavras destes funcionários, parecia que todos eles estavam mais que dispostos a adoptar práticas laborais não discriminatórias. Apesar do que diziam, senti no entanto que apenas num caso havia possibilidade de mudança. Porquê? A resposta reside no modo como utilizavam a linguagem silenciosa do tempo e do espaço.

Tinha sido dada uma atenção especial à preparação de cada entrevista. Foi pedido aos chefes de departamento que se dispusessem a passar uma hora ou mais a discutir as suas opiniões comigo. No entanto, esqueciam-se das entrevistas;

era vulgar fazerem-me esperar durante muito tempo (entre quinze e quarenta e cinco minutos) em salas de espera e a duração da entrevista era muitas vezes encurtada para dez ou quinze minutos. Habitualmente, os meus interlocutores mantinham-me a uma distância impessoal. Somente numa das vezes o chefe de departamento saiu de trás da sua secretária. Estes homens tinham uma posição e estavam literal e figuradamente agarrados a ela!

As implicações desta experiência (à qual as sondagens da opinião pública poderiam muito bem prestar atenção) são óbvias. Habitualmente, o que as pessoas fazem é mais importante do que aquilo que dizem. Neste caso, a maneira como os poderes municipais administravam o tempo era um testemunho eloquente daquilo em que intimamente acreditavam, porque a estrutura e o significado dos sistemas de tempo, tal como os intervalos de tempo, são fáceis de identificar. Quanto ao atraso, podemos distinguir diversas fases: aquela em que se murmura qualquer coisa; aquela em que se apresenta um breve pedido de desculpa; outra, algo insultuosa, que requer um pedido de desculpa total; a rude e, finalmente, a absolutamente insultuosa. Os psicanalistas estão desde há muito cientes do significado da comunicação a este nível. Podem referir a maneira como os seus pacientes gerem o tempo como uma evidência de «resistências» e «transfêrência».

Partes diferentes do dia, por exemplo, são altamente significativas dentro de certos contextos. O tempo pode indicar a importância da ocasião bem como a que nível uma interacção entre pessoas vai ocorrer. Nos Estados Unidos, telefonar a alguém de manhã muito cedo, enquanto ele está a fazer a barba ou a tomar o pequeno-almoço, indica geralmente uma questão da máxima importância e extrema urgência. Acontece o mesmo em relação às chamadas depois das onze horas da noite. Um telefonema durante a hora de dormir é normalmente encarado como uma questão de vida ou de morte e daí o sentido de brincadeira insolente que lhe atribuem os jovens. A

nossa percepção de que o tempo fala reflecte-se até em expressões como «Que horas *diz* o relógio?»

Um exemplo de como estas situações são consideradas um dado adquirido foi-me relatado por John Useem, um antropólogo social americano, num caso esclarecedor ocorrido no Sul do Pacífico. Os nativos de uma das ilhas tinham dificuldade em conseguir que os seus directores brancos os contratassem de uma forma compatível com o seu sistema tradicional de *status*. Os directores, na sua ignorância, tinham empregado demasiados nativos de um grupo e ao fazê-lo haviam quebrado o equilíbrio de poder existente entre os nativos. Toda a população da ilha se encontrava em agitação por causa desse erro. Como os americanos persistiram na sua ignorância e se recusaram a contratar de acordo com os hábitos locais, os chefes das suas facções reuniram-se uma noite para discutir uma redistribuição aceitável dos empregos. Quando finalmente chegaram a uma solução, foram em massa ver o gerente da fábrica e acordaram-no para lhe comunicar o que tinham decidido. Infelizmente, estava-se então entre as duas e as três da manhã. Não sabiam que acordar um americano a essa hora é sinal de extrema urgência. Como se poderia esperar, o gerente americano, que não percebia nem a língua local nem a cultura, nem sequer o motivo de todo aquele tumulto, pensou que se encontrava perante um motim e chamou os fuzileiros. Nunca lhe passou, simplesmente, pela cabeça que as partes do dia têm um significado diferente para essa gente do que têm para nós.

Por outro lado, os gerentes de fábricas nos Estados Unidos têm plena consciência do significado de uma comunicação feita a meio da manhã ou da tarde, que faz as pessoas interromper o seu trabalho. Sempre que querem fazer uma comunicação importante, perguntam: «Quando deveremos informá-los?» No mundo social, uma rapariga sente-se insultada se alguém que ela não conhece bem a convidar, à última hora, para sair, da mesma forma que uma pessoa que faça um convite para jantar com apenas três ou quatro dias de antece-

dência tem que pedir desculpa. Como é diferente o que se passa com os povos do Médio Oriente, com quem é inútil marcar um encontro com muita antecedência: a estrutura formal do seu sistema de tempo remete tudo o que seja marcado com mais de uma semana de antecedência para a simples categoria de «futuro», na qual os planos tendem a «escapar-lhes da memória».

Na América, avisar com antecedência é frequentemente designado por «tempo condutor», uma expressão que é significativa numa cultura em que os horários são importantes. Apesar de se tratar de algo que é informalmente aprendido, a maior parte de nós está familiarizada com a forma como ele funciona na nossa própria cultura, ainda que não possamos determinar tecnicamente as suas regras. Todavia, as regras do tempo condutor nas outras culturas foram raras vezes analisadas. Conhecem-nas, quanto muito, por experiência, os que viveram no estrangeiro durante algum tempo. E, no entanto, é importante saber quanto tempo se precisa para preparar as pessoas, ou para que elas se preparem a si próprias, para as coisas que vão acontecer. Às vezes o tempo condutor parece ser muito prolongado. Outras, como no Médio Oriente, qualquer período maior que uma semana poderá ser demasiado longo.

O caso de um agrónomo americano nomeado para o cargo de adido na nossa Embaixada num país latino ilustra bem como os diferentes métodos de gerir o tempo podem causar problemas. Após um período que lhe pareceu correcto, declarou que gostaria de visitar o ministro respectivo. Por várias razões, o tempo que sugeriu não era adequado. Todo o tipo de insinuações indicava que não era ainda oportuno visitar o ministro. Contudo, o nosso amigo persistiu e forçou um encontro que lhe foi concedido com relutância. Tendo chegado um pouco antes da hora (o padrão americano de respeito), teve que aguardar. O tempo passava; cinco minutos, dez minutos, quinze minutos. Nessa altura sugeriu à secretária que talvez o ministro não soubesse que ele aguardava na sala

de espera. Sentiu assim que tinha feito algo de concreto e isso ajudou-o a superar a grande ansiedade que se agitava dentro dele. Vinte minutos, vinte e cinco minutos, trinta minutos, quarenta e cinco minutos (a fase insultuosa)!

De um salto levantou-se e disse à secretária que o tinham feito esperar, propositadamente, numa sala de espera, durante quarenta e cinco minutos e que estava «farto e cheio» de atitudes desse tipo. A mensagem foi transmitida ao ministro, que disse, efectivamente, «deixem-no esperar». A estada do adido naquele país não foi feliz.

A causa principal deste mal-entendido reside no facto de, no país em questão, um atraso de cinco minutos não ser significativo. Por outro lado, quarenta e cinco minutos, em vez de estar no fim da escala de espera, era apenas o começo. Seria absurdo, após uma espera de sessenta segundos, sugerir à secretária de um americano que talvez o seu chefe não soubesse que lá se encontrava e sê-lo-ia igualmente provocar uma tempestade por causa de «fazerem esperar» durante cinco minutos. Foi, contudo, precisamente desta forma que o ministro registou os protestos do americano no exterior do seu gabinete. Sentiu, como de costume, que os americanos estavam a ser totalmente insensatos.

Durante todo este lamentável episódio o adido agiu de acordo com a forma como foi educado. Nos Estados Unidos, as suas reacções teriam sido consideradas normais e o seu comportamento legítimo. Contudo, mesmo que antes de sair do país tivesse sido informado de que este tipo de coisas iria acontecer, ser-lhe-ia difícil não se *sentir* insultado depois de o terem feito esperar durante quarenta e cinco minutos. Se, pelo contrário, lhe tivessem explicado os pormenores do sistema local de tempo e ensinado a falar a língua do país, ter-lhe-ia sido possível agir em conformidade.

Aquilo que incomoda as pessoas em situações deste género é o facto de não se aperceberem de que estão a ser submetidas a outra forma de comunicação, uma forma que por vezes funciona com a linguagem, outras, independentemente dela. O